



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
ESPECIALIZAÇÃO EM LOGOTERAPIA E SAÚDE DA FAMÍLIA**

LINDERLÂNDIO VASCONCELOS LIMA

“ATÉ O ÚLTIMO HOMEM”: A FORÇA DESAFIADORA DOS VALORES

**CAMPINA GRANDE – PB
2020**

LINDERLÂNDIO VASCONCELOS LIMA

“ATÉ O ÚLTIMO HOMEM”: A FORÇA DESAFIADORA DOS VALORES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Logoterapia e Saúde da Família, do Centro Paraibano de Estudos do Imaginário, em parceria com a Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Logoterapia e Saúde da Família.

Orientador: Prof. Dr. Gilvan de Melo Santos

**CAMPINA GRANDE – PB
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732a Lima, Linderlândio Vasconcelos.
"Até o último homem" [manuscrito] : a força desafiadora dos valores / Linderlândio Vasconcelos Lima. - 2020.
18 p.
Digitado.
Monografia (Especialização em Logoterapia e Saúde da Família) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2020.
"Orientação : Prof. Dr. Gilvan de Melo Santos ,
Coordenação de Curso de Biologia - CCBS."
1. Logoterapia. 2. Valores. 3. Determinismo militar. 4.
Traumas psíquicos. I. Título
21. ed. CDD 616.891 6

LINDERLÂNDIO VASCONCELOS LIMA

“ATÉ O ÚLTIMO HOMEM”: A FORÇA DESAFIADORA DOS VALORES

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Logoterapia e Saúde da Família, do Centro Paraibano de Estudos do Imaginário, em parceria com a Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Logoterapia e Saúde da Família.

Área de concentração: Tratamento e Prevenção Psicológica
Linha de Pesquisa: Promoção da saúde e qualidade de vida

Aprovada em: 11/12/2020.


BANCA EXAMINADORA



Prof. Me Hallyson Alves Bezerra
UFCG



Prof. Dr. Gilvan de Melo Santos (Orientador)
UEPB



Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio
UFCG

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 05 |
| 2 PRESSUPOSTOS BÁSICOS PARA A COMPREENSÃO DOS VALORES SOB A PERSPECTIVA DA LOGOTERAPIA | 08 |
| 3 O ATAQUE DE PEARL HARBOR: DESPERTANDO PARA A MISSÃO E ABRINDO-SE AOS VALORES | 10 |
| 4 A REALIZAÇÃO DE VALORES EM MEIO AO DETERMINISMO MILITAR | 12 |
| 5 RELIGIOSIDADE E ABERTURA AO SUPRA-SENTIDO OU TRAUMAS PSÍQUICOS: O QUE MOTIVOU DOSS? | 13 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 17 |
| REFERÊNCIAS | 17 |

“ATÉ O ÚLTIMO HOMEM”: A FORÇA DESAFIADORA DOS VALORES

Linderlândio Vasconcelos Lima¹

RESUMO

O presente estudo apresenta uma análise crítica sobre a relação entre as categorias franklianas valores (criativos, vivenciais e de atitude) e o destino (condicionamentos e determinismos), a partir da experiência de Desmond Doss, personagem histórico-fictício do filme “Até o Último Homem”, de Mel Gibson. A Logoterapia, abordagem de psicoterapia criada por Viktor Frankl, compreende o homem como um ser bio-psico-noético que se move na busca por sentido na vida e o encontra por intermédio da realização dos valores. No aspecto metodológico, trata-se de uma pesquisa documental de cunho crítico descritivo e analítico. Para a coleta de dados efetuou-se audiências do longa metragem acompanhadas de anotações com o intuito de destacar e de descrever os discursos e as atitudes dos personagens, em especial do protagonista Desmond. Em seguida, buscou-se reunir os fragmentos, interpretá-los e analisá-los tomando como parâmetro principal as categorias de valores apresentadas por Viktor Frankl: valores criativos, vivenciais e de atitude. Foi possível concluir que a vivência dos valores capacita o homem para enfrentar os determinismos e os condicionamentos biopsicossociais.

Palavras-chave: Logoterapia. Valores. Determinismo militar. Traumas psíquicos.

“HACKSAW RIDGE”: THE CHALLENGING STRENGTH OF VALUES

ABSTRACT

The present study presents a critical analysis of the relationship between the Franklian categories values (creative, experiential and attitude) and destiny (conditioning and determinism), based on the experience of Desmond Doss, a fictional historical character in the film “Hacksaw Ridge”, by Mel Gibson. The Logotherapy, a psychotherapy created by Viktor Frankl, understands man as a bio-psycho-noetic being who moves in the search for meaning in life and finds him through the realization of values. In the methodological aspect, it is a documentary research of a critical, descriptive and analytical nature. For the collection of data, audiences of the feature film were held, accompanied by notes in order to highlight and describe the speeches and attitudes of the characters, especially the protagonist Desmond. Then, we sought to gather the fragments, interpret them and analyze them taking as main parameter the categories of values presented by Viktor Frankl: creative, experiential and attitude values. It was possible to conclude that the experience of values enables man to face biopsychosocial determinism and conditioning.

Keywords: Logotherapy. Values. Military determinismo. Psychic traumas.

¹ Aluno do Curso de Especialização em Logoterapia e Saúde da Família do Centro Paraibano de Estudos do Imaginário – CEPESI e da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
E-mail: linderlandiopatos@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

A primeira metade do século XX foi marcada por inúmeros acontecimentos importantes. Nesse período, a humanidade assistiu atônita a inúmeros avanços no campo científico, tais como: a elaboração da Teoria Geral da Relatividade em 1915 por Albert Einstein, que mudou para sempre a maneira de compreendermos o universo; e a descoberta da penicilina pelo médico Alexander Fleming em 1928, que ajudou a sociedade no controle de várias doenças infecciosas.

Além dos avanços, o mundo também presenciou nessa época os horrores de duas guerras mundiais, sendo especialmente a segunda (1939-1945) a mais brutal e cruel delas. As principais nações do mundo envolvidas nesse conflito se organizaram em dois grupos: “Eixo”, liderados por Alemanha, Itália e Japão; e, “Aliados”, formado por França, Inglaterra e Estados Unidos.

Símbolos da Segunda Guerra Mundial como o poderio bélico, capaz de aniquilar centenas ou até milhares de pessoas ao mesmo tempo, e os campos de concentração nazistas, deixaram como resultado negativo para a humanidade dezenas de milhões de mortos.

Esse contexto, marcado por fortes disputas ideológicas e acompanhados de atos de violência e barbárie, sem nenhum precedente na história da nossa civilização, também evidenciou inúmeros atos de heroísmo realizados por homens e mulheres espalhadas pelo mundo. Algumas dessas atitudes, até então anônimas, foram reveladas e compartilhadas ao grande público através do cinema, a exemplo do filme “Até o último Homem”.

O longa metragem lançado em 2016, narra as experiências de *Desmond Doss*, jovem adventista do sétimo dia, que se alistou voluntariamente ao exército americano logo após o ataque de *Pearl Harbor* em 1941, para servir como paramédico. Com impetuoso propósito de salvar vidas, suas condições eram não portar ou usar armas, nem participar de atividades aos sábados, devido suas convicções religiosas.

O enredo apresenta de forma linear as fases da vida do personagem. Recheada de imagens que impressionam pela beleza da natureza, a infância se passa num ambiente familiar, na presença da mãe, mulher religiosa, e do pai, veterano da primeira guerra mundial, de postura marcadamente agressiva. A juventude é ilustrada pelo inusitado encontro com a enfermeira *Dorothy*, por quem se apaixona à primeira vista, e o treinamento no exército cercado pelas provações de seus ideais. Já no Campo de batalha, cenas brutais de sangue e

corpos voando se destacam, até chegar ao clímax da narrativa, com o triunfo de Doss, salvando, sozinho, 75 feridos que foram deixados para trás no alto da montanha.

No filme, há cenas, enredos, passagens, que envolvem emocionalmente o espectador. Ao final de uma narrativa fílmica, em geral, não se pensa mais nela. No entanto, às vezes, algumas marcam a vida de pessoas, fazendo-as refletirem por um momento ou por toda vida. Essas histórias e imagens são capazes de afetar a existência de anônimos podendo-os motivarem na busca de compreensão dos personagens e do contexto no qual a trama se desenvolve (YOUNG, 2014). Considero-me um desses anônimos.

O longa do qual tratou-se até o presente momento despertou em meu íntimo o interesse por compreender as atitudes um tanto incomuns do seu protagonista. Isso porque as intenções de *Desmond* em relação à guerra parecem românticas enquanto assiste-se ao filme, todavia, quando observado atentamente, suas pretensões parecem absurdas e até contraditórias. Afinal, como não matar num campo de batalha? Como salvar vidas em meio a essa situação?

De acordo com Frankl (2011; 2019), o centro das motivações e realizações do agir humano não está na vontade de prazer como proposto por Freud, nem na vontade de poder como apresentado por Adler. O homem em sua essência anseia antes de tudo por sentido, e o encontra através de realização de valores. Esses ideais, presentes nas mais variadas sociedades, estão à espera de que o homem os concretize de diferentes maneiras, seja criando, vivenciado ou até mesmo se autoconfigurando diante do destino inevitável. Assim, o principal problema, que surgiu como norte para este estudo foi: Como os valores criativos, vivenciais e atitudinais se opõem aos condicionamentos e determinismos biopsicossociais a partir da vida do protagonista do filme "Até o Último Homem"?

A hipótese aqui levantada consistiu no entendimento de que a vivência dos valores capacita o homem para enfrentar os determinismos e os condicionamentos biopsicossociais.

A escolha da concepção Frankliana de valores como objeto principal desse estudo deu-se primeiramente porque existem ainda poucos trabalhos científicos que tratam de analisar filmes e personagens sob a perspectiva da Logoterapia, a exemplo de Aquino (2015) em *Os filmes que vi e os livros que li com Viktor Frankl: Interfaces entre a ficção e a análise existencial*; e Santos (apud SANTOS & SÁ, 2016) no capítulo "Banquete Psicológico nas Escolas Públicas: o cinema e a Logoterapia dialogando sobre o sentido da vida", em *Da teoria à prática: a dimensão social da Logoterapia*. Na maioria das referências as análises fílmicas tradicionalmente se baseiam na psicanálise freudiana, tendo como pano de fundo motivações

inconscientes e distúrbios patológicos (YOUNG, 2014), tal como *Os filmes que eu vi com Freud*, de Waldemar Zusman (1999). Há também alguns filmes que podem ser baseadas na teoria arquetípica de Jung, o qual descobriu que nas diversas culturas existem conteúdos e padrões os quais são compartilhados universalmente, a exemplo da figura do herói ou da sombra. Filmes como “Sonhos” de Akira Kurosawa (1990) e “Cisne Negro” de Darren Aronofsky (2010) são produções passíveis de uma boa análise sob a perspectiva junguiana.

Essas constatações apresentadas por Young (2014) em relação ao cinema, refletem a hegemonia na academia e na sociedade de correntes psicológicas que compreendem o homem exclusivamente a partir do movimento intrapsíquico. O reducionismo sob as mais diversas formas e bandeiras fortalece ainda mais a crença presente na atualidade de que a vida não tem sentido, resultando com isso na sensação de vazio existencial vivenciada por tantos (FRANKL, 2011).

Dito isto, do ponto de vista científico, este estudo mostra-se relevante, por analisar um personagem considerando a visão antropológica de Viktor Frankl. Esse contraponto faz-se necessário do ponto de vista acadêmico por aprofundar a análise da sétima arte através da Logoterapia e Análise Existencial, ampliando assim a discussão sobre as motivações do agir humano.

O pressuposto defendido neste trabalho é de que a obstinação espiritual qualifica o homem no enfrentamento de determinismos biopsíquicos e condicionamentos sociais, fazendo da sua própria existência um lugar oportuno para a realização de valores e para a busca de sentido. Para apreender esta “obstinação espiritual”, aqui entendido como uma “força desafiadora” dos valores, parafraseando Lukas (1989), optou-se pela coleta dos discursos e atitudes do protagonista do filme supracitado, na condição de *corpus* ou documento analisado. Entretanto, optou-se também por não se apartar do contexto diegético do filme.

Para coletar os dados, seguindo orientações de Vanoye e Goliot-Lété (2012), utilizou-se os seguintes procedimentos: audiência fílmica, num primeiro momento de forma catártica ou apenas como entretenimento; num segundo momento através de decomposição e descrição do filme, separando e extraindo elementos que não se consegue perceber quando se assiste a um filme apenas por entretenimento; e num terceiro momento através do estabelecimento de conexões entre as partes isoladas, reconstruindo e interpretando o filme a partir do objeto analisado, porém, sem perder de vista o próprio filme. No que se refere às conexões, foi dado destaque às relações entre discursos e atitudes do protagonista e as categorias de análise: valores criativos, vivenciais e de atitude. Por fim, interpretou-se e analisou-se os fragmentos

de falas e atitudes do protagonista do longa-metragem, tomando como parâmetro principal a tríade valorativa apresentada por Viktor Frankl.

Amparados pela Logoterapia e Análise Existencial será apresentado uma análise crítica sobre a relação entre os valores e o destino (condicionamentos e determinismos), a partir da experiência de Desmond Doss, personagem histórico-fictício do filme “Até o Último Homem”, de Mel Gibson.

A estruturação desse artigo foi definida em pequenos capítulos de análise da seguinte maneira: No primeiro capítulo, intitulado *Pressupostos básicos para a compreensão dos valores sob a perspectiva da Logoterapia*, apresenta sinteticamente os pilares da teoria proposta por Viktor Frankl e seu diferencial em relação às demais abordagens psicológicas.

Os capítulos intitulados *O ataque de Pearl Harbor: Despertando para a missão e abrindo-se aos valores* e *A realização de valores em meio ao determinismo militar* situam historicamente a trama e analisam, a partir de diferentes contextos, como o personagem principal do filme é interrogado pelas diversas situações que a vida lhe apresenta, e como, mediante a realização dos valores, vai respondendo e encontrando sentido.

O quarto e último capítulo Intitulado *Religiosidade e abertura ao supra-sentido ou traumas psíquicos: o que motivou Doss?* busca refletir até que ponto os traumas e a livre opção pela fé e valores determinam as atitudes do protagonista.

2 PRESSUPOSTOS BÁSICOS PARA A COMPREENSÃO DOS VALORES SOB A PERSPECTIVA DA LOGOTERAPIA

A Logoterapia, também conhecida como a psicoterapia centrada no sentido, foi criada por Viktor Emil Frankl (1905-1997) e se enquadra no grupo das chamadas psicoterapias de base fenomenológica e existencial. Essa abordagem psicológica considera o homem como sendo portador de três dimensões: somática, psíquica e noética (espiritual). A primeira abrange os fenômenos orgânicos (corporais); a segunda é composta pelos desejos, costumes sociais, talentos intelectuais, padrões de comportamentos etc; a última dimensão comporta a essência propriamente dita do homem, sendo nela onde reside a liberdade e a capacidade de posicionar perante as dimensões orgânicas e psíquicas (LUKAS,1989).

Em relação às outras correntes de psicoterapia, pode-se dizer que a dimensão noética é a grande novidade, e também o grande diferencial dessa escola de psicoterapia. Os principais pilares da Logoterapia são: liberdade da vontade, vontade de sentido e sentido de vida.

Ao postular a liberdade da vontade a Logoterapia põe em cena novamente o livre arbítrio humano, elemento que durante muito tempo foi colocado de lado devido à tradição psicológica que enfatizava pulsões e condicionamentos. Esse conceito aponta para a capacidade que o homem tem de deliberar sobre sua própria vida. O homem não é livre das contingências biológicas, psíquicas e sociais, contudo, ele é livre para se posicionar perante os condicionantes que a vida lhe apresenta, a partir da dimensão noética, que é essencialmente incondicionada (FRANKL, 2011; 2019).

Junto à liberdade está a responsabilidade. O homem por ser único e vivenciar sempre situações singulares, deve ser responsável pela opção que faz da vida a cada instante. Cabe, ainda, pontuar que o homem é um ser responsável, pois só ele pode responder diante de si mesmo, dos outros e de Deus por suas escolhas (GUBERMAN; SOTO, 2005).

A vontade de sentido é a postulação de que, primária e essencialmente, o ser humano busca uma razão para sua existência. Essa motivação ocorre porque o homem é “constituído e ordenado para algo que não é simplesmente ele próprio, direciona-se para um sentido a ser realizado, ou para outro ser humano que encontra. Ser homem necessariamente implica uma ultrapassagem” (FRANKL, 1991, p. 11).

O último postulado, sentido da vida, indica que a vida conserva um sentido sob quaisquer circunstâncias, inclusive na adversidade, e que o homem precisa buscá-lo em cada situação que a vida lhe apresenta (FRANKL, 1991; 2011). Nessa procura constante o homem é guiado pela consciência, que funciona como órgão intuitivo capaz de revelar o sentido único que cada circunstância traz, conforme assinala Frankl (2016, p. 38):

É graças a minha consciência, a minha consciência atenta e bem formada que eu me torno capaz de compreender o apelo ao sentido que cada situação me propõe; é graças a ela que me torno capaz de ouvir as questões que o dia a dia me formula, e é graças a ela que sou capaz de responder a essas questões empenhando a minha própria existência, assumindo uma responsabilidade.

Para encontrar sentido em cada situação, os valores são a via régia. No dizer de Frankl (2019), eles são caminhos fecundos na descoberta e realização de sentidos. Podem ser agrupados em três categorias: valor criativo, que se relaciona com atos criativos, com aquilo que dou ao mundo, tais como a realização de um trabalho ou qualquer atividade laboral; valor vivencial, que está ligado à possibilidade de acolher e vivenciar o que recebo do mundo, através de algo ou de alguém; e valores atitudinal que surge como horizonte possível diante da redução das possibilidades criativas e vivenciais da vida, podendo o homem ainda assim tomar uma posição e encontrar sentido frente a culpa, o sofrimento ou a morte, ou seja, situações cujo destino é imutável. Assim sendo, “essa trilogia, tricotomia ou tríade de

possibilidades de sentido - os valores de criação, vivência e aceitação [sic] - trazem consigo a conclusão de que a vida tem sentido sempre, literalmente até o último suspiro, e um sentido incondicionado” (FRAKL, 2016, p.41).

3 O ATAQUE DE PEARL HARBOR: DESPERTANDO PARA A MISSÃO E ABRINDO-SE AOS VALORES

Em dezembro de 1941, o Japão atacou de forma violenta e inesperada a base militar de *Pearl Harbor*, nos Estados Unidos (EUA). A fatídica investida japonesa provocou a morte de 2.400 americanos, despertou comoção nacional e arrastou os EUA à segunda guerra. É nesse contexto que *Doss* comunica à sua namorada *Dorothy* sua decisão de se alistar no exército: “tenho que me alistar, não posso ficar aqui enquanto outros lutam por mim”. O jovem ainda fala como pretende servir a sua pátria: “quero ser um paramédico, espero conseguir salvar pessoas, não matá-las”.

Percebe-se, o drama vivenciado pelo povo americano após o ataque também ecoa no íntimo de *Doss* e o questiona frente a essa situação. Conforme nos lembra Frankl (2019), a vida possui um sentido para cada pessoa, contudo, não é o homem que questiona a vida, é a própria vida, através das vivências cotidianas e singulares, quem pergunta e exige dele uma resposta. Vale salientar que tensões e indagações, como as que surgem no protagonista, só são possíveis graças à abertura do homem para o mundo. Denominada autotranscendência, essa característica eminentemente humana constitui a essência da existência e faz do homem um ser sempre orientado para algo que não seja ele mesmo (FRANKL, 2011).

As possíveis respostas que emergem das inquietações do jovem adventista, quais sejam, lutar pela pátria e se irmanar com os demais cidadãos americanos, assim como não matar, mas salvar vidas, revelam-se como um autêntico valor criativo, ou seja, um valor fundamentado em ações transformadoras do mundo. Esses ideais abstratos se originam no mais íntimo da personalidade humana e estão postos no mundo sob semelhantes formatos nas mais variadas culturas e sociedades. Além disso, os valores exercem atração sobre o homem a fim de que os realizem, e ao fazê-los, materializem e encontrem sentido (GUBERMAN; SOTO, 2005).

É importante também pontuar que esses dois discursos de Desmond, aqui primeiramente analisados, evocam uma dose precisa de responsabilidade, por se mostrarem como únicas e indispensáveis de serem concretizadas. A própria forma verbal imperativa e

expressões orais do personagem (“tenho que...”; “não posso ficar aqui”), elucidam esta capacidade de responder à vida. Também nas manifestações de desejo (“quero ser...”) e no caráter de missão do sujeito (“espero conseguir...”), confirmam a postura atitudinal de *Desmond*, denotando a existência do valor de atitude.

Continuando a análise, veja-se outro discurso do personagem: “eu trabalhava em um fábrica da defesa, poderia ter conseguido a dispensa, mas não seria certo”. Nesta assertiva manifesta-se um *dever ser* para além do *poder ser*, os quais ambos superam o mero querer do sujeito. Desta forma, o *querer ser* (“quero ser...”), o *poder ser* (poderia ter conseguido...) e o *dever ser* (“mas não seria certo...”), ilustram bem o processo de desenvolvimento biopsicoespiritual por meio da busca gradativa do prazer, do poder e do sentido, configurados na teoria motivacional frankliana. Como pontuado por Frankl (2019), a efetivação plena da essência humana está na possibilidade de realização do valor encomendado a cada indivíduo de maneira singular. Desta forma, “chega a ser o que és” não quer dizer somente “chega a ser o que podes e deves ser”, mas também “chega a ser o que só tu podes e deves ser” (FRANKL, 1978; p. 232). Em específico, o caráter de missão, ilustrado no último trecho analisado, confirma a unicidade e a irrepetibilidade como características básicas. Sendo assim, servir ao exército americano por parte do protagonista, não se trata, portanto, de uma mera obrigação, capaz de ser executada por qualquer pessoa, mas algo que compete somente a ele.

De fato, a vida de cada pessoa tem um sentido, e esse se constitui na concretização de uma missão única. E mesmo que essa incumbência seja aos olhos de outros improváveis de se concretizarem, é preciso atentar ao que pontua Frankl: “Por conseguinte a missão que um homem tem que cumprir na vida, sempre na base da vida está presente, nunca, em princípio, sendo impossível de cumprir” (FRANKL, 2019, p. 127).

O homem que encontra ou pelo menos vislumbra o propósito para qual foi chamado tende a se realizar como pessoa, e, ainda que o sofrimento advenha, ele está convicto “para que” ou “para quem” sua vida direciona-se. Neste entendimento, Frankl argumenta que “os valores redundam, assim, em exigências do dia e em missões pessoais; ao que parece, só através destas missões é que se pode intender para os valores que por trás delas se escondem” (2019, p.104). Neste aspecto, para além do amor apaixonado de *Desmond* por *Dorothy*, o que se configura como um valor de vivência, há um valor criativo (um fazer no mundo) e um valor de atitude (um dever ser no mundo), capazes de construir no personagem motivações para viver.

A partir disso, compreende-se que *Desmond*, enquanto pessoa única e em face de uma situação única (o ataque japonês à base militar de *Pearl Harbor*), é questionado pela vida a fazer algo pela pátria, pelo Deus que acredita, pela mulher que ama e para si mesmo, incidindo em valores e sentidos capazes de possibilitar o encontro com a sua própria existência.

4 A REALIZAÇÃO DE VALORES EM MEIO AO DETERMINISMO MILITAR

Observa-se no filme que o ingresso nas forças armadas de um cidadão comum é acompanhado por sujeição a normas rígidas de disciplina e hierarquia. Essas normas terminam por condicionar também a vida dos militares, de tal maneira que uma ordem dada por um superior deve ser executada sem questionamentos ou hesitações. Há, porém, os “objetores de consciência”, pessoas como *Desmond* que se recusam a cumprir determinadas obrigações que são impostas a todos, em razão de crenças religiosas.

O roteiro apresenta um jovem com traços pueris que se destaca por apresentar notável aptidão física nas corridas, escaladas etc. No entanto, ao se recusar a treinar nos sábados, devido às suas crenças, e a manusear armas de fogo, ele é perseguido com zombarias, chacotas e agressões físicas. Mesmo sendo protegida por Lei, a atitude de *Doss*, baseada em seu valor de vivência, através de sua crença religiosa, é compreendida como covardia entre seus colegas, que iniciam contra ele uma sequência de agressões psicológicas e físicas. Por outro lado, seus superiores também o fazem passar por alguns constrangimentos com o propósito de que ele abandone seus comportamentos, vistos como indisciplina. Essa série de situações, acompanhadas de intenso sofrimento põe em prova os valores do personagem. Infere-se aqui o problema central deste estudo: como os valores criativos, vivenciais e de atitude podem subsistir diante dos determinismos biopsíquicos e dos condicionamentos sociais, ilustrados na vida de *Desmond Doss*, protagonista do filme *Até o último homem*, de Mel Gibson?

O amor à Pátria e aos seus conterrâneos, assim como a leitura da bíblia acompanhada de orações e contemplação da fotografia de sua amada (*Dorothy*), desenham a forma com que nosso personagem busca enfrentar tais situações e expõem os combustíveis que sustentam *Doss* em sua jornada. Como já visto, os valores podem realizar-se também por meio das vivências do sujeito. Esses valores se concretizam quando se experimenta uma determinada

realidade ou quando se encontra uma pessoa amada. São momentos que enchem de entusiasmo a existência e trazem sentido à vida.

Neste aspecto, é importante ressaltar a obstinação com que *Desmond* reage a insultos e agressões. O filme consegue demonstrar essas situações através de cenas muito duras nas quais a solidão e a incompreensão parecem ser as principais companhias na viagem pela estrada dos valores. Muitos desses caminhos a princípio, sequer foram vistos pelos que estavam ao seu entorno.

Ao analisar, sob a perspectiva da Logoterapia, algumas passagens bíblicas e a postura de Jesus a quem os cristãos atribuem a condição de Deus, Leslie (2013) mostra caminhos para entendermos melhor o comportamento do personagem. Esse autor resalta que a dimensão noética está sempre presente na existência, inclusive em circunstâncias de exclusão. Dessa maneira, o autor pontua que para os cristãos: “O relacionamento humano é uma expressão do relacionamento do homem com Deus; e o relacionamento do homem com Deus só é verdadeiro à medida que se reflete nas relações do homem com o homem” (p. 24). A partir desses pontos, observar-se como o jovem *Doss* se empenha para transmutar sua vivência de oração no relacionamento com seus colegas.

A atitude com que o personagem se esquivava dos que o veem como “pedra no sapato” e ao mesmo tempo se mantém fiel a seus princípios, impacta e faz, possivelmente, o espectador questionar: “ele não se cansa”? Pode-se encontrar uma resposta a partir da obstinação espiritual de *Doss*, que o habilita na tomada de posição frente aos condicionamentos que são contemplados cena após cena. Esse poder o faz insistir até as últimas consequências na realização de seus valores, ao ponto de ir para a frente de guerra desarmado, conseguir como paramédico socorrer muitos feridos deixados para trás e descê-los sozinho de uma montanha incrivelmente alta. Na busca por encontrar sentido, *Desmond* deixa como legado várias vidas salvas, fruto da concretização de seus valores criativos, vivenciais e de atitude.

5 RELIGIOSIDADE E ABERTURA AO SUPRA-SENTIDO OU TRAUMAS PSÍQUICOS: O QUE MOTIVOU DOSS?

Buscando investigar as origens e motivos das crenças do personagem, a narrativa fílmica também retrata parte da sua infância. Numa das poucas cenas que relatam esse período, *Doss* briga com seu irmão, enquanto seu pai, homem de comportamento agressivo, presencia e estimula as cenas de violência. Após perceber as consequências de seus atos, que

quase levaram à morte do irmão, ele se dirige para a sala de sua casa e se detém alguns instantes sobre uma pintura na parede na qual o personagem bíblico Caim mata o seu irmão Abel, ao mesmo tempo em que contempla a descrição do sexto mandamento: “Não matarás”. Em seguida sua mãe, uma mulher religiosa, diz ao garoto que o irmão em breve ficará bem, porém, o adverte que matar é o pecado mais grave praticado contra o Senhor Deus. Sobre esta passagem, fica claro que, para além da crença religiosa aprendida nos templos, a alma do menino *Doss* era alimentada por ditados e mensagens propagadas pela arte (pintura), literatura (o texto bíblico) e pela sua genitora, capazes de mobilizar a sua atitude radical de não matar jamais outra pessoa.

Também numa cena em *flashback*, o jovem cristão se recorda com pesar de uma briga em que quase matou o próprio pai com um revólver, ao tentar evitar que sua mãe fosse agredida. Também no campo de batalha, conversando com um dos seus companheiros, *Doss* mais uma vez evoca essa memória e comenta que, devido a esse fato, havia prometido a Deus que nunca mais utilizaria uma arma. Partindo desses dois episódios apresentados na diegese fílmica, poderia se pensar qual é a verdadeira motivação por trás do protagonista: traumas psíquicos ou a livre opção pela fé e seus valores?

Como salientado por Leslie (2013), um dos mais importantes legados deixados pela psicanálise é revelar como o inconsciente é poderoso e exerce influência na direção das nossas vidas. Contudo, apesar de não podermos acolher inteiramente essa perspectiva determinista, é bom reconhecer que a criança introjeta os comportamentos das pessoas mais significativas que estão ao seu redor nos primeiros anos de vida. Sendo assim, sem perceber, a criança passa a ser condicionada por esses “alicerces emocionais” e por eles são movidos a tomar decisões futuras.

Entretanto, não ocasionalmente, buscamos justificar atitudes e comportamentos presentes olhando para os traumas ocorridos na infância, correndo o risco de negligenciar a capacidade de escolha dos indivíduos. Em relação a *Doss*, a narrativa também trilha esse caminho na tentativa de compreendê-lo. De certo modo, a psicologia baseada nas motivações inconscientes, muito ajuda nas explicações das situações presentes a partir de experiências passadas. Por hora, no entanto, precisa-se entender que o futuro não necessita dos eventos passados, porém, é configurado a partir de decisões conscientes firmadas no agora (LESLIE, 2013).

Há que ressaltar que a dimensão noética emprega à pessoa humana a capacidade de tornar compreensível o processo de determinação e controle do qual ela participa,

transfigurando o que a princípio se manifesta como automatismo em autonomia (PEREIRA, 2015). Com isso não se quer dizer que a Análise Existencial nega que o homem é constituído também por pulsões, entretanto, ressalta que estas não o moldam, pois “o homem tem instinto, mas este não o tem. Ele faz alguma coisa por instinto, mas o instinto não o plasma” (FRANKL, 1978, p. 157). Assim, do mesmo jeito que um velejador se utiliza do vento para levar o barco para onde quer, também a pessoa humana é capaz de utilizar as forças impulsivas a seu favor, podendo inclusive direcionar através de sua livre vontade todos os esforços possíveis para a realização de valores (FRANKL, 2019).

De fato, quando se analisa de perto a atitude do personagem em relação aos seus pares, bem como ao ambiente militar, que o cerca de condicionamentos e não lhe dá trégua, vê-se uma impetuosidade incomum na busca por realizar sua missão, não simplesmente movido por forças instintivas. Isso pode ser melhor compreendido quando na cadeia fala ao seu capitão: “Estou preparado para dar minha vida pelos meus homens”. Parafraseando Frankl (2011) acredito que *Doss* não estaria disposto a viver por suas formações reativas, muito menos a morrer em nome de seus mecanismos de defesa.

Além do ardor, transparece também em nosso protagonista a instância da qual vem tal mandado, o que termina por desvelar sua face religiosa. A respeito do homem religioso, Frankl (2019, p. 128) ensina:

Na sua vivência, vão ao encontro da instância que os incumbe da missão. Vivem a missão como mandato. A vida deixa transparecer neles a presença de um mandante transcendente. E é com isto, a meu ver que se poderia desenhar um dos rasgos essenciais do *homo religiosus*: aquele homem em cujo ser-consciente e ser-responsável se dão conjuntamente a missão vital e o mandante que lha confere.

Nesse sentido, entende-se que por trás das ações e escolhas do personagem está Deus, que através de seus mandamentos lhe outorga a missão, conforme ele mesmo cita ao psiquiatra no instante em que fundamenta seus próprios atos: “Um novo mandamento lhes dou: Amem-se uns aos outros. Como eu os amei, vocês devem amar-se uns aos outros” (BIBLÍIA, João, 13, 34). O médico ainda tenta convencê-lo de que na guerra as circunstâncias são diferentes e que por isso não haveria problema em portar arma, matar e trabalhar aos sábados. Ainda assim *Doss* ressalta: “não fingirei ser algo que não sou”, demonstrando aqui que a personalidade não é apenas constituída pelas experiências e traumas do passado, mas também pelas atitudes do presente e pelos propósitos futuros.

A antropologia frankliana aponta para o fato de que a personalidade deve ser entendida como uma estrutura aberta que tem como núcleo a pessoa e seu dinamismo único e irrepetível com uma intencionalidade em busca de sentido. Isso releva que apesar das

disposições hereditárias e sociais estarem presentes na personalidade, o homem também pode se posicionar perante estas e construir sua própria personalidade, parafraseando a professora Heloísa Reis Marino (2019)²

Justamente por mostrar-se como de fato o é, a tentativa de dispensá-lo por questões psiquiátricas fracassa, pois, o caso em questão não se trata de loucura, tampouco idiotice, conforme indica o médico, mas uma particularidade rara de ser e encarar os valores e a vida.

Mesmo sem entender o motivo de tanta perseguição e questionando-se em alguns momentos se suas próprias intenções não eram apenas orgulho, *Doss* vai em frente, em busca de concretizar seu chamado. Sua fé e confiança cega em seu Deus o capacitam no enfrentamento de tais adversidades. Sua religiosidade abre caminho para o supra-sentido, que é seguramente a possibilidade de alcançar o sentido por intermédio da fé, para além da racionalidade humana (FRANKL, 1992).

Sem dúvidas a fé no supra-sentido, calcada na experiência religiosa e presumida da ação divina na condução dos acontecimentos, torna a pessoa capaz de resistir conforme assinala Frankl (2019, p. 92): “Esta fé é criadora. Como fé pura que brota duma força interior, torna o homem mais forte. Para um crente assim, não há, em última instância, nada sem sentido”. A convicção de *Doss* sempre esteve presente em todo seu percurso nas forças armadas, mas só é compreendido por todos depois de seu ato heroico na frente de combate, ao ponto do capitão Glover pedir perdão pela perseguição infligida ao soldado, suplicar seu auxílio para a próxima batalha, mesmo sendo sábado, e reconhecer sua fé: “A maioria aqui não crer nas coisas que você acredita, mas eles acreditam no quanto você acredita”, demonstrando o quanto a vivência do crente supera todo e qualquer dogma, mandato ou texto bíblico.

Nos instantes finais do filme, a narrativa apresenta partes de um documentário no qual Harold Doss (irmão de Desmond), aparece no trecho e comenta: “Qualquer um que tenta comprometer a convicção de alguém está errado. Quando você tem uma crença não é uma brincadeira, é o que você é”. O próprio Desmond Doss (o Doss histórico) também aparece e atribui a Deus o mérito de seus atos: “quando fiquei sem forças rezava pedindo para o Senhor me ajudar a salvar mais um, mais um”.

Por meio desse último trecho apresentado pelo próprio Desmond, consegue-se desembrulhar completamente a obra em seu contexto mais amplo, ao olhar retrospectivamente

² Fala da professora Heloisa Reis Marino na disciplina *A personalidade na antropologia frankliana*, UEPB, 24 de agosto de 2019.

o longa até chegar à sequência das cenas apresentadas na abertura com a passagem bíblica do profeta Isaías:

Será que você não sabe? Nunca ouviu falar? O Senhor é o Deus eterno, o Criador de toda terra. Ele não se cansa nem fica exausto; sua sabedoria é insondável. Ele fortalece o cansado e dá grande vigor ao que está sem forças. Até os jovens se cansam e ficam exaustos, e os moços tropeçam e caem; mas aqueles que esperam no Senhor renovam as suas forças. Voam alto como águias; correm e não ficam exaustos, andam e não se cansam (BÍBLIA, Isaías, 40, 28-31).

Sem dúvidas, o voo mais elevado que *Desmond Doss* protagonizou, capaz de renovar incessantemente suas forças e de não o fazer tropeçar instante algum na busca por realizar sua missão, concretizou-se na vivência impetuosa e obstinada de seus valores sem perder de vista a fé em seu Deus.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessa análise fílmica buscou-se apresentar a relação entre os valores e o destino (condicionamentos e determinismos), ilustrado na experiência do personagem *Desmond Doss*. Ficou comprovado que a vivência dos valores capacita o homem para enfrentar os determinismos e os condicionamentos biopsicossociais.

Constatou-se que Logoterapia e Análise Existencial podem ser utilizadas como referências para o estudo da sétima arte, por apresentar uma visão antropológica mais totalizante, que considera as de dimensões orgânica, psíquica e noética. A teoria motivacional frankliana traz em seu bojo uma explicação do agir humano sem deixar de considerar a liberdade e a responsabilidade, traços essenciais do homem. Dessa forma o homem consciente e responsável é capaz de se mover na busca por realizar seus ideais de vida, mesmo que para isso tenha que se sacrificar. Espera-se que este estudo amplie o espaço de debate entre o cinema e a Logoterapia, uma vez que o filme pode ser um excelente recurso para a ilustração de conceitos das atitudes humanas.

REFERÊNCIAS

Bibliográficas

AQUINO, T. A. A. **Os filmes que vi e os livros que li com Viktor Frankl**. João Pessoa: EDUFPB, 2015.

BÍBLIA, N. T. Isaías. In BÍBLIA. Português. **Bíblia Vida Melhor**: Nova Versão Internacional. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2014. p. 563.

_____. João. In **BÍBLIA**. Português. **Bíblia Vida Melhor: Nova Versão Internacional**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2014. p. 850.

FRANKL, V. E. **Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

_____. **Psicoterapia para todos: uma psicoterapia coletiva para contrapor-se à neurose coletiva**. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. **A Presença Ignorada de Deus**. Petrópolis: Editora Vozes, 1992.

_____. **A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da Logoterapia**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

_____. **Sede de sentido**. 5. ed. São Paulo: Quadrante, 2016.

_____. **Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial**. 7. ed. São Paulo: Quadrante, 2019.

GUBERMAN, M; SOTO, E. P. **Dicionário de Logoterapia**. 1. ed. Buenos Aires: Lumen, 2005.

LESLIE, R. C. **Jesus e a logoterapia: O ministério de Jesus interpretado à luz da psicoterapia de Viktor Frankl**. Pia Sociedade de São Paulo-Editora Paulus, 2013.

LUKAS, E. **A força desafiadora do espírito: métodos de Logoterapia**. São Paulo: Loyola, 1989.

SANTOS, G. de M; SÁ, L. B. M. de. **Da teoria à prática: a dimensão social da logoterapia**. João Pessoa: Ideia, 2016.

VANOYE, F; GOLIOT-LÉTÉ, A. *Ensaio sobre a análise fílmica*. 7. ed. Campinas: Papyrus, 2012.

YOUNG, D. S. **A Psicologia vai ao cinema: o impacto psicológico da sétima arte em nossa sociedade moderna**. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 2014.

PEREIRA, I. S. Espírito e liberdade na obra de Viktor Frankl. **Psicologia USP**, v. 26, n. 3, p. 390-396, 2015.

ZUSMAN, Waldemar. Os filmes que eu vi com Freud. São Paulo: Imago, 1994.

Filmográficas

Até o último homem. Direção de Mel Gibson. Austrália / EUA: 2016 (139 min), 1 DVD.

Cisne Negro. Direção de Darren Aronofsky. EUA: 2010 (108 min), 1 DVD.

Sonhos. Direção de Akira Kurosawa. Japão / EUA: 1990 (119 min), 1 DVD.